

EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO COLETIVA COOPERATIVA SACHE I 2ª FASE

(Manuel Correia Fernandes)

NUNO LACERDA LOPES

Projeto Aldoar: Fase 2

A segunda fase de construção da cooperativa SACHE que Manuel Correia Fernandes realiza em Aldoar, apresenta uma série de novidades que demonstra bem o processo de evolução que a sociedade portuguesa realizava quer em termos de ideia de habitar, quer em termos de processos e modo de construir a habitação e a cidade.

É a obra e as preocupações inerentes à sua realização que são matéria exclusiva da responsabilidade do arquiteto em termos de solução técnica construtiva que importa acompanhar permanentemente, pois é pela obra que se qualifica o arquiteto e não pela sua capacidade projetual ou discursiva. Isto mesmo podemos observar da sua produção e discurso em torno deste conjunto de edifícios que apresentam soluções tipológicas diversificadas e soluções construtivas e de materiais também diferentes, tendo no entanto uma evidente ideia de rigor no desenho dos elementos construtivos que assentam na medida do tijolo como referência para o desenho dos alçados e dos espaços internos dos fogos.

«As preocupações da realização da obra, eram realmente garantir a qualidade da obra. Foram obras que eu realmente acompanhei. As opções de projeto foram da ordem da qualidade construtiva e da qualidade monetária,... E que não custassem mais do que aquilo que estava previsto! A minha maior preocupação e a fonte de maiores problemas foi a prestação, a necessidade de rigor a todos os níveis, na fase de construção propriamente dita. Nos casos em que as coisas não correram bem são as próprias pessoas que explicitam os aspetos negativos: “a sala podia ser maior” ou “podia ser menor”; “os quartos são muito pequeninos” ou “são muito grandes”; “a escada é muito alta” ou “muito baixa”, etc. Mas se os defeitos são, por exemplo, “entra água” o problema não se prende tanto com o projeto de licenciamento e de execução, mas com a qualidade da construção».

O cuidado com que se pormenoriza o projeto é de um grande pragmatismo. Nenhum elemento está a mais ou se apresenta como deleite ou decorrente do mero prazer de desenhar ou de uma “ vaidade ” em produzir alguma diferença que a boa arquitetura não seja daí decorrente. O projeto (apesar de verificarmos diferenças significativas nos diversos projetos) assume, em nosso entender, uma visão quase contratual entre o arquiteto e a sociedade, onde este assume a sua responsabilidade, onde o arquiteto pretende cumprir a sua obrigação contratual: fornecer um bom projeto, uma boa construção e, por conseguinte, uma boa arquitetura.

E é nesta medida que se compreende Manuel Correia Fernandes quando nos diz: “Acho que os arquitetos devem fazer por se responsabilizarem perante a sociedade. Ter boa arquitetura, ter um bom projeto, proporcionar bons espaços, mas num processo que é acompanhado sempre por uma boa construção”.

Naturalmente que se coloca aqui a definição do que é um “bom projeto” e do que é uma “boa arquitetura”, dado que a “boa construção” é possivelmente e cada vez mais mensurável e o restante ainda possui aspetos integradores de valores subjetivos e circunstanciais de que demos caso anteriormente. No entanto importa confrontar ainda este sentido difuso no projetar que nos edifícios de Aldoar, da Cooperativa SACHE, se verifica pela sucessiva evolução do próprio ato de projetar que Manuel Correia Fernandes aqui evidencia.

Como já verificámos, a materialização de uma ideia que se estabelece na relação entre projeto, desenho e obra onde este projeto, na sua dinâmica de permanente evolução, vai ganhando diferentes expressões que na fase de projeto de execução constituirá toda uma série de recolha de elementos que vão caracterizar o processo de construção bem como o edifício, pelo que a escolha e definição de todos os materiais a utilizar contribuiu decisivamente para a criação de uma imagem que o edifício irá comunicar.

Por isso podemos perceber que existe uma clara separação entre a fase da aproximação à forma, à conceção, idealização e a fase de execução que se distingue ainda entre a produção de desenhos do projeto de execução (antes da obra) e os desenhos de execução (para a obra). Deste modo se percebe uma ideia distinta e de valorização que Manuel Correia Fernandes atribui à arquitetura construída face à arquitetura projetada/desenhada. O sucessivo recurso a perspectivas rigorosas, ou até o uso a axonometrias para apoio à conceção, demonstra bem o entendimento operativo e menos contemplativo com que desenvolve o projeto deste conjunto habitacional.

N. Lacerda Lopes, *“Edifício de habitação colectiva - Cooperativa SACHE 2ª fase – Manuel Correia Fernandes”*, Frente e Verso, Ed. CIAMH, Porto, 2012, ISSN 2182-8237.